

Ricardo Reis

A diferença substancial entre o paganismo...

A diferença substancial entre o paganismo e os sistemas índios e cristista repercute-se, manifesta-se, como na metafísica e na ética, na estética também.

Um sistema religioso, como o cristista, em que tomam sobrado relevo os sentimentos íntimos de cada indivíduo, em que o interesse do espírito se concentra em seus próprios movimentos, não devia ter outra acção estética — pelo menos fundamentalmente — que não fosse a da *expressão dos sentimentos íntimos*, que não fosse a *confissão da alma*. O artista cristão busca, acima de tudo, *exprimir o que sente*. Nisto reside a substância da sua doutrina estética. Ela sofreu, é certo, em certos períodos, e mormente em o chamado Renascença, um correctivo pagão. Mas a pura estética cristista não é a estética pagã, cujo sentido em breve veremos; é a da *expressão*, substancialmente.

A estética da Índia é diversa, embora aparentada de longe com a cristista. Como o cristão, o índio se volta para dentro, e aplica a sua atenção ao seu próprio espírito. A maneira de o fazer é, porém, diversa. O Nirvana é a ideia representativa da direcção da índole religiosa da Índia. Nela lemos claramente o que é essa índole, e em que difere da cristã. A introversão das actividades do espírito leva, no cristismo, à exaltação desumana da personalidade, no hinduísmo, a sua desumana depressão. Buscam ambos aquilo a que chamam a união com Deus: um, porém, busca-a em um êxtase onde o espírito se transcende a si próprio *em si*; o outro em um êxtase onde se transcende a si próprio *em Deus*.

Na união com Deus o cristão encontra-se, o hindu perde-se. Os conceitos divergentes nascem da divergência das teorias. Para o cristão a alma individual é uma realidade absoluta; na verdade ele pensa, com o nosso Guerra Junqueiro:

Nem Deus, que as criou, as poderá matar!...

Pátria

Para o índio a alma individual é uma Pátria das muitas ilusões daquela divisão divina a que chamamos o mundo.

De aqui se vê qual deverá ser, e de facto é, a diferença entre a substância da estética cristã e a estética oriental. Para o cristão a beleza está em tudo quanto

claramente nos faz sentir a nossa personalidade; para o oriental em tudo quanto transcende a nossa personalidade.

s. d.

Poemas Completos de Alberto Caeiro. Fernando Pessoa. (Recolha, transcrição e notas de Teresa Sobral Cunha.) Lisboa: Presença, 1994: 204.